

ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA ATRAVÉS DO CORDEL E DA XILOGRAVURA

Autor: Anna Christina Farias de Carvalho 1; Co-autor: Cícero Eugênio Tomaz Alves 1; Co-autor: Edival Saraiva de Oliveira Neto 2; Co-autor: Cícera Tayná dos Santos 3; Orientador: Maria Telvira da Conceição.

Universidade Regional do Cariri – URCA urca@urca.br

Resumo: Nossa comunicação trata de um estudo qualitativo de cunho exploratório, em andamento, sobre os processos educativos não escolares envolvendo a arte, enquanto espaço de atuação de alunos e professores. Entendemos que as atividades educativas transcendem o domínio institucionalizado do saber formal. Nesse sentido, com a finalidade de promover a inserção e o contato de alunos e professores das escolas da rede pública da Região Metropolitana do Cariri (RMC) com as artes da literatura de cordel brasileira e a xilogravura nordestina, a Universidade Regional do Cariri (URCA) através da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) está desenvolvendo um projeto que tem a finalidade de potencializar o acesso de professores e alunos da rede pública a Lira Nordestina, equipamento cultural vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da URCA. Para que se compreendam os mais diferentes fenômenos que envolvem a educação é necessário ampliar o universo de compreensão para um campo maior, um recorte que vá “para além dos muros da escola”, através do debate entre as perspectivas diferenciadas que tratem da dinâmica da educação, em nosso caso, sob o enfoque da arte. Os alunos, professores e/ou demais profissionais da escola/instituições fazem uma visita orientada à Lira Nordestina e participam de atividades e práticas relacionadas às ações culturais da lira – oficinas de cordel e xilogravura. Como resultado das visitas e oficinas, apontamos a ampliação do universo cultural de alunos e professores que possibilita o compartilhamento de experiências entre arte e educação. Concluímos que o projeto proporciona a ampliação e aprofundamento da aprendizagem dos alunos através da arte e da estética linguística inerente a esta, proporcionados nas visitas às instituições culturais, em nosso caso a Lira Nordestina.

Palavras-chave: Processos educativos não escolares, Equipamentos culturais, Cordel e Xilogravura.



INTRODUÇÃO

Nossa comunicação trata de um estudo qualitativo de cunho exploratório, em andamento, sobre os processos educativos não escolares envolvendo a arte, enquanto espaço de atuação e socialização de alunos e professores. Entendemos que as atividades educativas transcendem o domínio institucionalizado do saber escolar. Estamos utilizando o termo educação não escolar para distingui-las daquelas que ocorrem no interior da escola. “Entendemos que a nomeação ‘escolar’ e ‘não escolar’ é mais adequada porque nos permite referenciar e demarcar a educação por aquilo que lhe é intrínseco: as práticas pedagógicas, eixo que baliza a utilização da expressão proposta.” (MOURA E ZUCCHETTI, 2010, p. 632).

No campo das práticas que ampliam o conceito de educação, muitas são as experiências elaboradas no campo das instituições formais, entretanto, as reflexões e práticas que discutem sobre a educação para além do espaço escolar ainda são escassas.

Nesse sentido, com a finalidade de promover a inserção e o contato de alunos e professores das escolas da rede pública da região Metropolitana do Cariri com as artes da literatura de cordel brasileira e a xilogravura nordestina, a Universidade Regional do Cariri (URCA) através da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) está desenvolvendo um projeto com a finalidade de potencializar o acesso de professores e alunos da rede pública a Lira Nordestina, equipamento cultural vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da URCA a partir do projeto: Espaços de aprendizagem além dos muros da escola através do cordel e da xilogravura.

O cordel tem sua origem no Brasil creditada por vários estudiosos¹ aos romancistas da Península Ibérica. Na Espanha, eram denominados de pliegos sueltos; em Portugal, folhas volantes ou avulsas. O termo literatura de cordel, de acordo com Diegues Júnior (1973), vem de Portugal e segundo alguns estudiosos, encontra referência na forma de expor os folhetos que, presos em barbantes (cordéis, o que é contestado por alguns autores²), eram e continuam sendo comercializados nas feiras, nas lojas, nas praças e, mais recentemente, na internet, o que confirma sua permanência e dinâmica cultural.

Conforme analisa Luyten:

¹ Manuel Diégues Júnior (1971); Joseph Maria Luyten (2005); entre outros.

² Abraão Batista (2011); Aderaldo Luciano (2012), por exemplo.

A diferença fundamental entre prosa e poesia popular no Brasil é que a prosa raramente aparece impressa. Só a conhecemos por meio de escritos dos folcloristas, nem sempre acessíveis ao grande público. A poesia popular aparece em proporção muito maior, sobretudo a nordestina. Mesmo que grande parte dela se perca – quando é oral e improvisada, temos, no Brasil, em números aproximados, entre 15 mil e 20 mil livrinhos impressos, aos quais damos o nome generalizado de literatura de cordel (2005, p. 44).

Em relação à produção de cordéis, o Nordeste é detentor da mais famosa e importante Gráfica de cordel - A Lira Nordestina. Legítima herdeira da Tipografia S. Francisco, uma das mais antigas gráficas de cordel do Brasil, responsável, até o início da década de 1980, por quase toda a produção de folhetos vendidos no Ceará e demais estados brasileiros.

De acordo com Franklin (2007) a xilogravura em folheto tem sua estreia no cordel “A Vida de Antônio Silvino” impresso em 1907. Entretanto, só tornou-se cotidiano nas capas de cordéis a partir da Tipografia São Francisco de José Bernardo da Silva.

Editor atento às transformações gráficas, José Bernardo viu na xilogravura uma forma mais barata e rápida de ilustrar as capas de cordéis antes ilustradas por clichês, ou seja, matrizes de metal caros que procediam de Recife-PE ou Fortaleza-CE, encarecendo dessa forma seus impressos, já que essas capitais distam mais de 500 km de Juazeiro do Norte e eram produzidos em material caro, comumente o zinco, e seu processo de elaboração mais demorado.

O clichê ou zincogravura, assim denominado por ser o zinco principal material de gravação de imagens e textos, é uma placa de zinco sobreposta em madeira, como um carimbo, onde a imagem é invertida. Para a impressão da imagem no papel, no caso das capas dos folhetos, espalha-se com um rolo de plástico a tinta tipográfica sobre a imagem, levando-se à prensa tipográfica. (CARVALHO, 2016).

Por volta dos anos de 1950, José Bernardo inicia suas encomendas a xilógrafos da região, alguns dos seus próprios empregados. Entre os mais conhecidos figuram Mestre Noza, João Pereira da Silva, Antônio Batista da Silva, Manoel Santeiro, Damásio Paulo, Walderêdo Gonçalves e Stênio Diniz.

Segundo alguns estudiosos³, inicialmente a xilogravura não agradou aos leitores de cordel acostumados com as gravuras bem desenhadas de princesas, príncipes e atores de Hollywood. Firmando-se como expressão cultural nordestina, especialmente em trabalhos acadêmicos, a xilogravura sai vitoriosa dessa peleja e hoje conta com grandes artistas entre eles citamos José

³ Maranhão (1981); Carvalho (1999).



Lourenço, Abrãao Batista, J. Borges, Francorli, Zênio, Maércio Lopes, Cícero Lourenço, Cícero Vieira, Gilvan Samico (in memoriam), além dos já referidos.

Referência inegável da história do Cariri cearense e memória cultural do Brasil, a Tipografia São Francisco é originária da Folhetaria Silva criada na década de 1920 em Juazeiro do Norte – CE, por José Bernardo da Silva, sob as bênçãos do Padre Cícero Romão Batista. Em 1938 passou a denominar-se Tipografia São Francisco. Em 1949, José Bernardo da Silva já havia adquirido os direitos de impressão das obras literárias dos poetas Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde, principais autores de cordel no início do século XX. Com a aquisição dos direitos de impressão dos pioneiros, a Tipografia São Francisco configurou-se como a mais importante editora especializada em literatura de cordel do país.

Um elemento importante, a capa do folheto, exibia fotografias de artistas de filmes de Hollywood e desenhos duplicados através de clichês que geralmente se harmonizavam com o conteúdo das histórias no interior dos folhetos tornando a obra mais atrativa para o público consumidor. Foi José Bernardo da Silva quem incentivou a ilustração das capas dos folhetos com xilogravura na Tipografia São Francisco, de custo mais baixo que os clichês de metal.

No início da década de 1970 com o falecimento de filhos, da esposa e do próprio José Bernardo, fica à frente da Tipografia sua filha Maria de Jesus da Silva Diniz. Em 1980, a Tipografia passa a denominar-se Lira Nordestina, por sugestão de Patativa do Assaré, um dos maiores poetas cordelistas do Brasil. Com a crise editorial cada vez mais forte, Maria de Jesus vende a Lira Nordestina em 1982 ao Estado do Ceará que em 1988 passa a fazer parte do patrimônio da Universidade Regional do Cariri – URCA. (CARVALHO, 2016).

O Cariri cearense oferece uma diversidade de equipamentos culturais à população. Citamos, entre outros, Vila da Música em Crato, Memorial Padre Cícero em Juazeiro do Norte, Escola de Saberes de Barbalha, Museu de Paleontologia em Santana do Cariri, além de variadas manifestações culturais e os Geossítios do Território do Geopark Araripe⁴. Contudo, grande parte dos alunos da escola pública não tem acesso a estes espaços de cultura e memória e, muitas vezes, até desconhecem sua existência. Por ser a cultura parte do patrimônio das sociedades, é função da escola fazer com que seus alunos reconheçam esses locais, como também que a eles tenham acesso. Dessa forma, tendo em vista uma formação plural, este projeto oferece oportunidade para que

⁴ O GeoPark Araripe foi o primeiro geoparque das américas e hemisfério sul reconhecido pela GGN (Global Geoparks Network) e é composto por nove geossítios que estão distribuídos em seis municípios da Região do Cariri: Batateiras (**Crato**), Pedra Cariri e Ponte de Pedra (**Nova Olinda**), Parque dos Pterossauros e Pontal de Santa Cruz (**Santana do Cariri**), Cachoeira de Missão Velha e Floresta Petrificada (**Missão Velha**), Riacho do Meio (**Barbalha**), Colina do Horto (**Juazeiro do Norte**).

alunos e professores da rede pública usufruam de um dos equipamentos culturais mais importantes da região do Cariri, além do (re)conhecimento de saberes e práticas culturais como a arte da poesia cordeliana e a xilogravura.

Nesse contexto, entre os principais objetivos do projeto se inserem: Estabelecer uma relação entre escola e outros espaços de aprendizagem, criando uma interação entre outras expressões de conhecimento e saberes; Criar um deslocamento dos alunos e professores na perspectiva de experienciar um universo que se encontra fora do espaço escolar; Implementar conteúdos e materiais como processos e resultados finais da visita, fora e dentro do espaço escolar, á cargo do professor em sala de aula; Estimular um olhar crítico e simultaneamente poético sobre a realidade sertaneja; Conhecer uma rica manifestação da nossa literatura (nordestina) e a caracterização de valores pedagógicos (leitura, escrita e métrica dos versos) na utilização do Cordel; Incentivar os participantes a utilizarem a técnica da xilogravura, assim como permitir a livre expressão dentro da linguagem desenvolvida que envolva a memória cultural da região e da comunidade; Partilhar experiências artísticas e educativas com os professores, educadores, instrutores, alunos e outros profissionais, visando uma interface entre instituições culturais e a instituição escolar, ampliando as ações de extensão da URCA.

Justificando nossa proposta, entendemos que para se compreender os mais diferentes fenômenos que envolvem a educação é necessário ampliar o universo de compreensão para um campo maior, um recorte que vá “para além dos muros da escola”, através do debate entre as perspectivas diferenciadas que tratam da dinâmica da educação, em nosso caso, sob o enfoque da arte.

METODOLOGIA

Objetivando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo, a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada sem procurar enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados (GODOY, 1995).

De acordo com Gil (1999) a pesquisa exploratória tem como viés a familiarização com um aspecto da realidade ainda pouco explorada, objetivando a construção de hipóteses a partir da intuição do pesquisador.

As visitas educativas acontecem de quarta a sexta-feira, sendo marcadas de acordo com a disponibilidade de cada escola, agendada as datas com antecipação de 15 dias na Pró-Reitoria de Extensão. As visitas podem ocorrer em dois turnos: manhã, das 09 h às 11h30, e tarde, das 14h às 16h30, sendo uma por dia.

Os alunos, professores e/ou demais profissionais da escola/instituições fazem uma visita à Lira Nordestina e participam de atividades e práticas relacionadas às ações culturais da Lira – oficinas demonstrativas de cordel e xilogravura. A demonstração é executada pelos xilógrafos da Lira e cordelistas convidados da Academia dos Cordelistas do Crato e Juazeiro do Norte e Sociedade dos Poetas de Barbalha, entre outros poetas que queiram participar do projeto. São atendidos no máximo 40 alunos por turno.

Utilizamos recursos pedagógicos como slides, vídeos e texto, vinculados à exposição dos trabalhos dos artistas que utilizam a linguagem do cordel e da xilogravura como meio de expressão artística. A partir destas demonstrações os participantes da oficina são instruídos a trabalhar suas próprias ideias por meio das técnicas de execução apreendidas. A metodologia segue, com algumas variações de acordo com a idade dos participantes, as seguintes etapas:

- ✓ Estudar a origem, história do cordel e da xilogravura;
- ✓ Pesquisar a biografia de cordelistas brasileiros, em sala de aula;
- ✓ Apresentar a variação linguística: Utilizando textos, por exemplo, de Patativa do Assaré, mostrar aos alunos que a língua popular por muitas vezes é ridicularizada, porque o povo é discriminado. Assim, levá-los a perceber que a linguagem ‘certa’ não é apenas a que está na mídia e nos falares de pessoas de altas classes sociais;
- ✓ Contato direto com a Literatura de Cordel, através da apresentação de folhetos de cordel para leitura e apreciação;
- ✓ Escolha dos temas para elaborar textos, em sala de aula, onde também serão pesquisadas figuras, ilustrações, biografias de cordelistas, fotos e poemas para a confecção de cartazes de divulgação do projeto na escola de origem;
- ✓ Demonstração do trabalho com xilogravura (ilustrações populares obtidas por gravuras talhadas em madeira) e origem da xilogravura;
- ✓ Mostrar aos alunos que a xilogravura mantém-se através dos tempos nos folhetos de cordel e outros suportes e que mesmo em tempos de tecnologia é preciso valorizar o que é feito artesanalmente;

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa primeira experiência com uma escola pública da educação básica do Município de Juazeiro do Norte-CE, serviu como um balizador para desenvolvermos nossa pesquisa, um pré-teste para futuras intervenções. De modo geral, o desenvolvimento das atividades práticas nas oficinas de cordel e xilogravura, buscou a efetivação de ações que pudessem viabilizar alguma transformação na vivência social, como salienta Caldart (2015) de forma a vincular as atividades a conhecimentos vivos e integrados, com maior potencial de sentido na vivência dos estudantes e a escola, objetivando estimular situações inventivas e valorizar o ensino da Arte como área de conhecimento articuladora de práticas docentes interdisciplinares, como forma de incentivo no ensino da literatura e da linguagem na promoção da cidadania.



Figura 1- Leitura de cordel



Figura 2- Oficina de xilogravura



Figura 3 – Oficina de Cordel



Figura 4 – Impressão de xilogravura

A proposta das oficinas elaboradas neste projeto apresenta uma metodologia tradicional de ensino para oficinas de introdução ao cordel e xilogravura ministrada para o público infanto-juvenil das escolas públicas da Região Metropolitana do Cariri. As atividades ocorrem como oficinas de extensão voltadas para a formação artística e cultural do estudante que minimamente dominam a leitura e a escrita. O trabalho conta com abordagens teóricas e práticas realizadas em oficinas por

xilógrafos e cordelistas da RMC, onde são oferecidas aos participantes, oportunidade de criação artística e apreensão da arte como expressão de humanidade, ideal para a consolidação de valores éticos, como o respeito à diversidade, ao trabalho coletivo, à criação e ao espírito crítico.

CONCLUSÕES

Reconhecer que existem diferenças entre cada tipo de educação em função de seus espaços culturais e físicos, é reconhecer a diversidade de educações e amplitude de atuação da sociedade, da escola e de outros espaços de aprendizagem, em especial. O fato não é diminuir a importância da instituição formal, mas perceber que há diferenças na atuação e formação de público de visitação a instituições e entidades culturais, decorrente do desenvolvimento do interesse de alunos e professores pela apropriação de bens culturais, valorização e (re)conhecimento do patrimônio cultural dos municípios, compreensão e respeito às diferenças culturais de grupos e povos. A utilização de espaços não escolares como a Lira Nordestina enquanto lugar de saberes possibilita o incentivo dos participantes a utilizarem a estética artística da Literatura de Cordel e da Xilogravura como manifestação sociocultural e histórica, assim como permitir a livre expressão dentro das linguagens desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Abraão. **O clamor do meio ambiente**. Juazeiro do Norte:Projeto Cordel Novo, 2011. Cordel.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Catálogo de clichês da Lira Nordestina**. Crato-CE:URCA, 2016.
- CARVALHO, Gilmar de. **A nova gravura de Juazeiro do Norte**. Fortaleza:Secretaria de Cultura e desporto do Estado do Ceará, 1999.
- CALDART, R. S. et al. **Escola em Movimento**: Instituto de Josué de Castro. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel**. Alagoas: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 1971.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.
- LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. São Paulo:Luzeiro, 2012.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo:Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos, n. 317).

MARANHÃO, Liedo. **O folheto popular e seus ilustradores**. Recife:Massangana, 1981.

MOURA, Eliane P. Gonçalves de; ZUCCHETTI, Dinora T. Educação além da escola: acolhida a outros saberes. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p.629-648, maio/ago. 2010.